

POLÍTICA ECONÔMICA

Depois de retirar R\$ 14 bilhões do mercado, Banco Central aumenta a taxa básica para 21% ao ano, numa tentativa de conter a contaminação dos preços pela alta do dólar. Mesmo assim, cotação da moeda americana subiu 1%

Choque de juros

Vicente Nunes e
Fernanda Nardelli
Da equipe do **Correio**

O descontrole da inflação, pressionada pela disparada dos preços do dólar, levou o governo a tomar uma medida drástica ontem. Em reunião extraordinária, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica de juros, a Selic, de 18% para 21% ao ano. É a taxa mais alta desde junho de 1999, ano em que o país foi obrigado a desvalorizar o real. "A inflação está subindo sem parar, por causa do repasse da alta do dólar para os preços. Na primeira onda da crise cambial, a indústria e o comércio evitaram repasses, mas vieram ondas seguidas e o dique se rompeu. Todos os preços da economia estão sendo reajustados", disse o economista Luiz Roberto Cunha, da Federação do Comércio do Rio (Fecomércio-RJ). Ou seja, se não tivessem sido substituídas pelos códigos de barra, as velhas máquinas de remarcação de preços estariam hoje trabalhando a todo vapor nos supermercados, algo prejudicial para a campanha do governista, José Serra, à Presidência da República (leia mais na página 9).

Desde que tomou posse na presidência do Banco Central (BC), em março de 1999, Arminio Fraga nunca havia precisado recorrer extraordinariamente ao Copom. Nas duas vezes em que se manifestou fora de suas reuniões mensais rotineiras, o Comitê impôs choques de juros à economia. Em 30 de setembro de 1997, em meio à crise da Ásia, a Selic mais que dobrou: passou de 19,05% para 45,67% ao ano. No dia 10 de setembro de 1998, com o Brasil contaminado pelo calote na dívida externa da Rússia, os juros básicos saltaram de 25,49% para 49,75% ao ano. O resultado, em ambas as ocasiões, foi um freio geral na atividade econômica, com queda brutal na renda dos trabalhadores e desemprego recorde.

Na curta nota em que justificou sua decisão, o Copom foi taxativo: "O recente aumento dos preços e a piora das expectativas de inflação, decorrentes principalmente da depreciação acentuada do câmbio, levaram o Copom, em reunião extraordinária, a fixar a taxa Selic em 21% ao

ano. A decisão foi por unanimidade". A gravidade do quadro econômico é tamanha, que os integrantes do Copom tomaram tal decisão por meio de uma teleconferência. Arminio Fraga estava no Rio. Um diretor, em São Paulo. Outro, em Madri. Nenhum chefe de departamento foi consultado, como é praxe.

Antes da reunião do Copom, o BC divulgou pesquisa com 100 bancos e constatou a alta da inflação. As estimativas deste ano para o IPCA, índice usado como referência para as metas de inflação do governo, subiram de 6,91% para 7,14%. As projeções para 2003 aumentaram de 5,53% para 5,85%. Em setembro último, o IPCA atingiu 5,6%, estourando o teto da meta de 2002, de 5,5%. A meta do próximo ano é de 4%, podendo oscilar 2,5 pontos para cima ou para baixo.

DÓLAR EM ALTA

A alta dos juros veio um dia útil depois de o BC aumentar os depósitos dos bancos recolhidos compulsoriamente junto à instituição, que vão retirar R\$ 14,2 bilhões da economia. Na sexta-feira passada, o BC também havia obrigado os bancos a reduzirem à metade o total de aplicações dolarizadas e a terem, em caixa, R\$ 100 para cada R\$ 100 aplicados em dólar. As estimativas eram de que essas medidas levariam os bancos a venderem US\$ 5 bilhões, o que não aconteceu. Não foi à toa que o mercado não reagiu bem ao aumento dos juros. O dólar fechou o dia a R\$ 3,86, com alta de 1,05%. Na Bolsa de São Paulo, o Ibovespa recuou 4,56%. Nenhuma das 56 ações que compõem o índice de lucratividade da bolsa paulista teve alta.

"Com a alta dos juros, o BC deu o tiro de misericórdia que faltava para jogar o país na recessão. Mas não atacou a principal justificativa para a alta do dólar", disse o professor Fábio Fonseca, do Ibmec Business School. Segundo ele, o mercado está especulando com títulos públicos corrigidos pelo dólar, que vencem na quinta-feira. São US\$ 3,6 bilhões, dos quais 53,5% já foram rolados pelo BC. Quanto mais alto for o preço do dólar, mais os detentores desses papéis ganham. No dia 23, vencerão outros US\$ 1,090 bilhão. "Diante do quadro atual, não tenho dúvidas de que os juros terão de subir ainda mais", afirmou

Fonseca. O Copom se reunirá novamente na próxima semana.

Para o sócio-diretor da Máxima Asset Management, André Petersen, apesar de tecnicamente justificável, a alta dos juros não conseguirá derrubar os preços do dólar, porque não estão entrando divisas no país e as reservas cambiais estão se esvaindo. "Há uma incerteza política no país. Ninguém sabe qual caminho será seguido pelo próximo presidente da República", afirmou. Ele reconheceu que a decisão do Copom certamente terá um efeito negativo sobre a candidatura do governista José Serra (PSDB) ao Palácio do Planalto.

NATAL FRACO

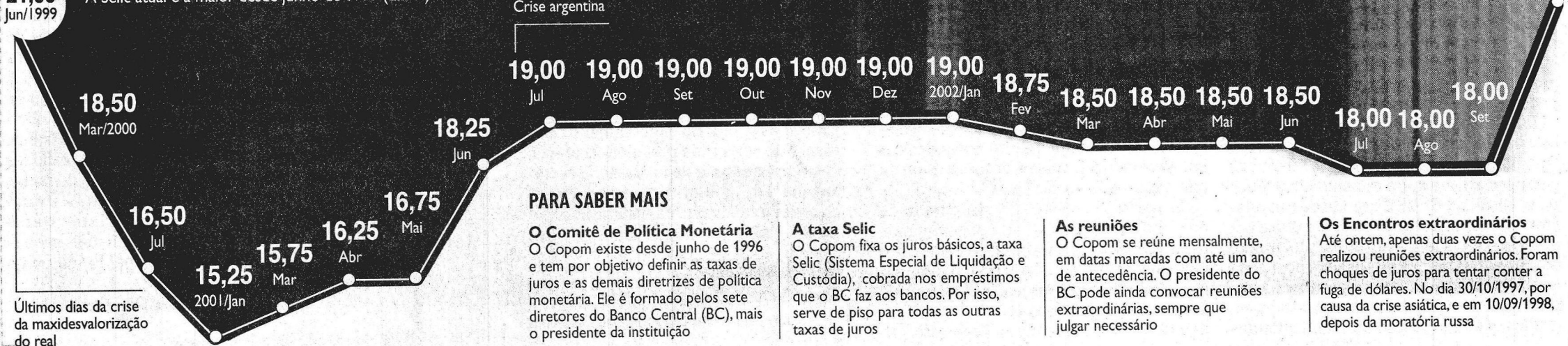
A decisão do Copom não poderia vir em pior hora para o setor de eletroeletrônicos. A venda de aparelhos de som, geladeiras e televisores costuma crescer nos meses que antecedem ao Natal. Com o aumento da taxa de juros, o crediário ficará mais caro e o consumidor perderá a disposição de comprar. Para o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos (Eletros), Paulo Saab, a medida é duplamente punitiva para o setor. Segundo ele, o governo está se esforçando para manter o dólar em um patamar entre R\$ 3,40 e R\$ 3,50. Mas o ideal para a indústria seria a cotação da moeda abaixo de R\$ 3 e juros mais baixos.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, classificou como drástica a decisão do Copom e espera que a alta dos juros vigore por um prazo muito curto. Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, os efeitos da medida tendem a ser limitados, tanto sobre a inflação quanto sobre a demanda por dólar, além de deteriorar a relação dívida pública em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), que está em 65%.

O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, disse que "não se combate crise de confiança com política monetária". Na avaliação do presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Luis Roberto Ponte, o problema principal do país é a desconfiança dos investidores sobre qual será a política econômica do futuro governo.

A TAXA BÁSICA

A Selic atual é a maior desde junho de 1999 (Em %)



PARA SABER MAIS

O Comitê de Política Monetária
O Copom existe desde junho de 1996 e tem por objetivo definir as taxas de juros e as demais diretrizes de política monetária. Ele é formado pelos sete diretores do Banco Central (BC), mais o presidente da instituição

A taxa Selic
O Copom fixa os juros básicos, a taxa Selic (Sistema Especial de Liquidação e Custódia), cobrada nos empréstimos que o BC faz aos bancos. Por isso, serve de piso para todas as outras taxas de juros

As reuniões
O Copom se reúne mensalmente, em datas marcadas com até um ano de antecedência. O presidente do BC pode ainda convocar reuniões extraordinárias, sempre que julgar necessário

Os Encontros extraordinários
Até ontem, apenas duas vezes o Copom realizou reuniões extraordinárias. Foram choques de juros para tentar conter a fuga de dólares. No dia 30/10/1997, por causa da crise asiática, e em 10/09/1998, depois da moratória russa